

Que faremos com este texto? (para um aproveitamento didáctico, talvez humorístico)

Maria Antónia Coutinho (Pretexto) & Susana Pereira (Programma)

Abstract: In this paper, we argue that there are two main relevant aspects that should guide the analysis of the proposed text: on the one hand, its textual adequacy, concerning both macrostructure and microstructure (drawing special attention to enunciative mechanisms); on the other hand, the difficulty to differentiate, on the basis of the linguistic construction only, between real facts and fiction.

Under these assumptions, in the analysis of the text we intend to highlight some of the pedagogical advantages of writing humoristic texts, in the context of textual competence development.

1. Introdução

Numa primeira etapa da nossa apresentação, procuraremos dar conta de duas linhas de força que nos parecem relevantes para uma análise do texto proposto: por um lado, a ‘boa formação’ do texto, tanto em termos macroestruturais como microestruturais (com destaque para os mecanismos enunciativos); por outro, a indiferenciação, do ponto de vista da construção linguística, entre real e ficção. A segunda etapa tem em vista um eventual aproveitamento deste texto, ou de textos como este. Procuraremos assim evidenciar algumas das potencialidades que podem associar-se, na perspectiva da didáctica da escrita, à redacção de textos humorísticos.

O primeiro aspeto que pretendemos desenvolver tem a ver com a demonstração da ‘boa formação’ do texto em análise, tanto em termos de organização macroestrutural como do ponto de vista das microestruturas textuais (em particular, dos mecanismos enunciativos).

De forma abreviada e necessariamente simplificada, entendemos aqui por *macroestrutura textual* uma organização formal (ou estrutura esquemática), dotada de uma relativa convencionalidade, e assumimos que essa convencionalidade constitui uma questão de género de texto (no âmbito de determinada actividade); por outro

lado, consideramos como *microestruturas textuais* todas as ‘formas e construções’ (de carácter gramatical ou lexical) da língua em uso que detêm um papel específico na organização macroestrutural do texto¹.

2. “boa formação” macroestrutural?

Começaremos por admitir que o texto em análise corresponda a uma notícia, no âmbito da atividade jornalística. A forte vertente humorística que o caracteriza, associada ao facto de estar incluído no suplemento humorístico *Inimigo Público*, poderia desencadear uma análise específica, centrada sobre questões de ficcionalização de género². Optamos neste breve trabalho por privilegiar antes a vertente macroestrutural, na perspetiva da composição de notícias (Zayas, 2003). Admitindo então – sem grandes desenvolvimentos conceptuais – que o texto em análise corresponda a uma notícia, no âmbito da atividade jornalística, confrontá-lo-emos com outras notícias, nas práticas de referência. Note-se que não fica aqui em causa aquilo que se entende

¹ Para um desenvolvimento da noção de macroestruturas e microestruturas textuais, cf. Coutinho, no prelo.

² Sobre a noção de *ficcionalização* de géneros, veja-se Coutinho & Miranda, 2009; Miranda, 2010; e ainda Valentim & Gonçalves e Teixeira & Correia, neste mesmo Caderno WGT.

normalmente por ‘jornalismo de referência’ mas apenas, de forma menos ambiciosa, o confronto com a diversidade de práticas jornalísticas em uso e em circulação. A primeira constatação que se impõe é a de uma grande diversidade de géneros próximos, tendencialmente organizados em função de um critério de hierarquização dos conteúdos informativos (das notícias propriamente ditas, no sentido de informações novas) – a corresponderem, em última análise, a géneros diferentes. É pelo menos esse o ponto de vista assumido pelo Livro de Estilo do jornal Público que, na explicação do termo *notícias*, desdobra a “hierarquização das notícias e material informativo” da seguinte forma cf. http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/nova/16kl-palavras.html:

- notícias de 1º plano: destaque(s) e peças de abertura de secção;
- notícias de 2º plano: 2000 a 3500 caracteres, antetítulo; eventualmente foto, com legenda; entrada, se tiver;
- fotonotícias,
- cartoons;
- notícias de 3º plano: 2000 caracteres, antetítulos e títulos, eventualmente fotos, caras em grande plano, sem entrada;

- breves e últimas – máximo 500 caracteres, não são assinadas;
- informações úteis.

Deste ponto de vista, poder-se-ia provavelmente levar por diante a análise, no sentido de verificar (por confronto com as práticas jornalísticas em uso, como dissemos), qual a designação que melhor corresponderia ao texto em análise – ou qual o modelo textual que efetivamente reproduz (mais ou menos fielmente). Admitimos – meramente a partir da experiência empírica – que as breves ou as últimas possam ser candidatas preferenciais. Não desenvolveremos aqui essa questão mas retomá-la-emos à frente, a propósito dos aproveitamentos didáticos.

Relativamente à organização macroestrutural das *notícias* (enquanto termo hiperonímico para um conjunto de géneros próximos, como atrás se viu), poder-se-ia destacar a diferença entre *entrada* e *lead* (cf. http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/nova/16kl-palavras.html) – para além da sequência título + *lead* + corpo do texto. É precisamente deste ponto de vista que mais se evidencia a boa formação do texto em análise, como mostram os Quadros 1 e 2.

Diagrama de análise estrutural de uma notícia. O diagrama mostra uma notícia real com caixas de texto e linhas que apontam para termos de análise: Rubrica, Título, Data, Lead e Corpo do texto. A notícia em análise trata de Passos Coelho pedindo desculpas aos portugueses por apoiar medidas de austeridade. O lead contém o primeiro parágrafo da notícia, e o corpo do texto contém o restante do texto principal.

http://www.jornaldenegocios.pt/home.php?template=SHOWNEWS_V2&id=425489

Quadro 1

The image shows a screenshot of a news article from 'Jornal de Negócios' dated May 13, 2010. The article title is 'Passos Coelho pede "desculpa aos portugueses" por apoiar medidas de austeridade (act)'. The author is Filipa Rego. The article text begins with 'Passos Coelho começou hoje por pedir desculpa aos portugueses por ter dado o seu apoio ao Governo. Para o líder do PSD isso só aconteceu porque "quis salvar o país de uma situação que seria desastrosa" e porque as condições que impôs, nomeadamente um corte na despesa permanente mas um aumento temporário nos impostos foram aceites.'

Red boxes highlight specific parts of the page:

- NP**: A small box on the left side of the article.
- Ligação ao contexto de produção**: A larger box on the left side, encompassing the NP box and the article title.
- Rubrica**: A box on the right side, positioned above the title.
- Título**: A box on the right side, positioned above the article title.
- Data**: A box on the right side, positioned above the author's name.
- Assinatura**: A box on the right side, positioned above the author's name.
- Lead**: A box on the right side, positioned above the first paragraph of the article.
- Corpo do texto**: A box on the right side, positioned above the second paragraph of the article.

At the bottom of the screenshot, the URL is provided: http://www.jornaldenegocios.pt/home.php?template=SHOWNEWS_V2&id=425489

Quadro 2

O Quadro 1 dá conta da organização macroestrutural de uma notícia retirada da prática jornalística (não humorística) – seleccionada, de entre todas as que poderiam cumprir a mesma função, por partilhar um motivo (temático)³. O Quadro 2 estabelece o confronto entre essa mesma notícia e o texto em análise: como se pode ver, os blocos fundamentais – *lead* e corpo do texto – aparecem nos dois casos, assinalando-se com cor diferente rubrica, título e data, que só aparecem na notícia do Jornal de Negócios. De facto, por ficarmos apenas em presença de lead e corpo do texto, poder-se-á discutir se se trata efetivamente de lead ou de título. O bloco em causa parece excessivamente longo para título, ao mesmo tempo que corresponde (tendencialmente) às exigências características do lead, disponibilizando resposta às perguntas quem? e o quê?. Como indica o Livro de Estilo do jornal Público, o como, o porquê (ou para quê), o quando e o onde podem, em circunstâncias específicas,

ser omitidos ou desenvolvidos no corpo do texto (cf.

http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/nova/16kl-palavras.html) – pelo que parece não haver impedimento para que se considere estarmos, neste caso, perante um lead. Por outro lado, a ausência de rubrica, título e data poderá eventualmente constituir um indicador da ficcionalização da notícia do Inimigo Público⁴. Importaria verificar, no entanto, se esses elementos composicionais se verificam sempre em todas as (sub-categorias de) notícias – nomeadamente nas breves e nas últimas que, como atrás se disse, parecem boas candidatas ao ‘modelo’ textual em presença. Em síntese, importará sublinhar que o confronto de várias possibilidades possa constituir uma forma (entre outras) de apropriação do género (salvaguardadas as necessárias reservas e/ou adequações, em função da idade e do ciclo de ensino).

³ Sobre motivos (em relação com perfis e temas), consulte-se Cadiot & Visetti, 2001.

⁴ Reveja-se a este propósito a nota 2.

3. “boa formação” microestrutural?

Como atrás se disse, a ‘boa formação’ microestrutural supõe uma escolha adequada de ‘formas e construções’ da língua em uso, de forma a cumprir o papel específico que desempenham na organização macroestrutural do texto.

Tendo em linha de conta o género de texto em análise e a sua organização formal, será essencial identificar os mecanismos enunciativos que permitem estabelecer relações de coesão linguística e de coerência lógica no domínio modal e temporal-aspectual.

A construção linguística de valores de modalidade permite representar, a partir do posicionamento do sujeito enunciador, quer uma determinada perspectiva dos acontecimentos, quer uma determinada assunção quanto à veracidade dos factos.

No texto em análise, podemos destacar um conjunto de marcas linguísticas que resultam na construção de valores modais, que no âmbito da modalidade epistémica se situam no domínio do certo.

Para a construção deste valor modal, contribui, desde logo o valor de asserção estrita veiculado por todos os enunciados do texto. O recurso à 3ª pessoa do singular, a que se associam predominantemente formas verbais no indicativo, inviabiliza qualquer dissociação entre S1 (locutor) e S0 (enunciador origem), excluindo, portanto, a distanciação do enunciador relativamente aos factos relatados, que caracteriza alguns textos jornalísticos.

Para além destes mecanismos, confluem para o valor modal construído fórmulas de legitimação como ... *em declarações ao IP...*, *Edite Estrela garantiu que...* e, naturalmente, o subsequente uso das aspas para assinalar o discurso citado, por exemplo, “*descabelada que só arranja problemas*”.

A construção da referência temporal-aspectual constitui igualmente um procedimento de coesão importante, assegurando uma adequada correlação entre os tempos verbais que surgem no texto. Tal como acontece no domínio dos valores subjectivos, também os valores temporais-aspectuais construídos se podem correlacionar com géneros textuais determinados.

Assim, no lead, recorre-se ao presente de reportagem, muito característico do género notícia, já que permite a actualização do que se relata, ou seja, cria um efeito de ‘destaque’. No corpo do texto, na medida em que se relata, de forma neutra (no que respeita a expressão de opinião), uma sequência de acontecimentos, predominam o pretérito perfeito simples e o imperfeito, sendo a presença de outros tempos verbais motivada pelo recurso ao discurso indirecto.

Em suma, pode-se afirmar que o texto apresenta uma ‘boa formação’ microestrutural, compatível com os padrões convencionais do género.

4. ‘Não aconteceu mas podia ter acontecido’

A breve análise apresentada nos pontos 2 e 3 mostra que o texto do Inimigo Público reúne (grande) parte de características (macro e micro organizacionais) previstas, do ponto de vista das práticas jornalísticas habituais. Por outras palavras: verifica-se uma total indiferenciação, do ponto de vista da construção linguística, entre real e ficção. Eventuais índices de ‘ficcionalidade’ – como uma linguagem pouco formal (“foi apanhada a”) – revelam-se afinal falsos (por corresponderem à parte “real” da peça, como mostra o confronto intertextual com o texto-origem)⁵. Admitimos assim que possa

⁵ Sobre esta questão, veja-se Neves & Oliveira, neste mesmo caderno WGT.


oferecer pistas de trabalho didático – como mostraremos no ponto seguinte.

5. Para um aproveitamento didático

De forma muito sintetizada, começaremos por lembrar que o aluno (do ensino básico ou secundário) não é um profissional (um jornalista) – pelo que trabalhar géneros (jornalísticos) obriga (o docente) a uma didatização do(s) género(s) e/ou a controlar os aspectos ensináveis do(s) género(s) / da actividade em causa. Neste sentido, admitimos que o recurso a peças humorísticas – como aquela que temos vindo a analisar – possa constituir uma boa base de trabalho para situações de ensino/aprendizagem da escrita (de notícias). Como é evidente, a seleção dos textos a utilizar dependerá de fatores de adequação etária e por ciclo de ensino. Mas a redacção de peças humorísticas/satíricas pode oferecer

elementos facilitadores da tarefa de redação: por um lado, a possibilidade de lidar com a ‘não-verdade’ ou com o absurdo (o *nonsense*) pode libertar (alunos e professores) para um trabalho concentrado sobre tarefas especificamente linguístico-textuais (macro e micro). Assim, a liberdade em termos de conteúdo temático disponibiliza tempo e atenção para trabalhar fatores nucleares como a organização macroestrutural da notícia (focalizando título, lead e corpo do texto) e os principais aspetos microestruturais (relato na 3ª pessoa, discurso indireto, gestão adequada dos tempos verbais).

Os quadros que se seguem exploram esta possibilidade: partindo de uma notícia não humorística mas que oferece um episódio potencialmente humorístico (cf Anexo 1), apresenta-se o exemplo de um aproveitamento didático possível (Quadro 3):



Jorge Jesus: "Não sou electricista"
2011-04-04
RUI FARINHA

Percursos possíveis:

- A partir de um título, redigir o lead e a peça
- A partir do lead, redigir o título e a peça

Percursos subsequentes:

- De reescrita
- Desenvolver *a posteriori* outros aspectos – como a ironia/a sátira, a discussão sobre a qualidade das práticas de referência

http://www.jn.pt/PaginaInicial/Desporto/Interior.aspx?content_id=1822079

Quadro 3

6. Que faremos com estas propostas?

Resultante de uma apresentação no contexto do 1º WGT, o texto que agora apresentamos continua a ser um documento de trabalho, suscetível de ser desenvolvido em termos teóricos e práticos. Porque achámos estimulante o percurso que levou a este trabalho, pareceu-nos que valia a pena partilhá-lo.

Referências bibliográficas

Cadiot, P. & Y.-M. Visetti (2001). *Pour une théorie des formes sémantiques. Motifs, profils et thèmes*. Paris: P.U.F.

Coutinho, Maria Antónia (no prelo). Macroestruturas e microestruturas textuais. In Duarte, I. M. & Figueiredo, O. (orgs). *Português, língua e ensino*. Porto: Reitoria da Universidade do Porto, pp. 173-207

Coutinho, M. A. & Miranda, F. (2009). To describe textual genres: problems and strategies. In Bazerman, Ch., Figueiredo, D. & Bonini, A. (orgs). *Genre in a Changing World. Perspectives on Writing*. Fort Collins, Colorado: The WAC Clearinghouse and Parlor Press, pp. 35-55. Available at <http://wac.colostate.edu/books/genre/>

Miranda, F. (2010). *Textos e géneros em diálogo. Uma abordagem linguística da intertextualização*. Lisboa: FCG-FCT

Publico (2006), Livro de estilo, 1ª edição, disponível em linha em http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/nova/03-guia.html

Zayas, F. (2003). La composición de noticias. In Camps, A. (comp.). *Secuencias didácticas para aprender a escribir*. Barcelona: Editorial Graó

The screenshot shows a Windows Internet Explorer browser window displaying the website 'Jornal de Notícias'. The address bar shows the URL: http://www.jn.pt/PaginalInicial/Desporto/Interior.aspx?content_id=1822079. The page content includes the newspaper's logo, a navigation menu, and a main article titled 'Jorge Jesus: "Não sou electricista"'. The article is dated 2011-04-04 and written by Rui Parizinha. The text of the article discusses the coach's reaction to a match. The browser interface also shows a search bar, a 'PESQUISA' button, and various widgets like 'Final de 2011 em Dublin' and 'PASSATEMPO Especial'.

http://www.jn.pt/PaginalInicial/Desporto/Interior.aspx?content_id=1822079

Anexo 1